
PROFISSÃO DOCENTE: O PÉRIPO HERÓICO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

*Eloiza da Silva Gomes de Oliveira**

RESUMO

O artigo pretende apresentar um “mapa” das representações sociais dos professores, com relação ao próprio trabalho. Aplicamos a análise do discurso às entrevistas realizadas com cento e vinte professores do Município do Rio de Janeiro, aleatoriamente selecionados. Tais representações, inconscientemente compartilhadas pelos entrevistados, apontaram o professor como um “herói”, enfrentando as “batalhas” e desafios da Educação. Uma incursão pela Mitologia Grega permitiu a descoberta do herói referido – não épico, mas trágico: o Sísifo. Metaforicamente, é essa a auto-percepção do professor como trabalhador: esmagado pela quantidade e pela rotina de um trabalho interminável, na realização de uma missão divina, sacerdotal, porém interminável.

Palavras-chave: educação, trabalho docente, representações sociais.

“O herói é o verdadeiro sujeito da modernidade.”

(Benjamin, 1982, p. 108)

Falar do trabalho docente constitui um desafio, uma busca intrigante e enriquecedora. A centralidade do trabalho na vida humana é constatada a cada momento, assim como as dificuldades na relação do homem com ele.

São cada vez mais freqüentes as obras que tratam do sofrimento nas organizações de trabalho, sem preocuparem-se, apenas, com o ajustamento do homem às mesmas, mas abordando a tensa relação existente entre ambos.

Silva (1986) utilizou a expressão “psicopatologia do trabalho”, associando a fadiga patológica a “depressões profundas, crises de agitação psicomotora, reações psicóticas e outros quadros de sofrimento mental” (p. 69).

Codo et al. realizaram uma pesquisa com bancários e detectaram a chamada “síndrome do trabalho vazio”, ligada à rotina e à repetitividade do mesmo. É “uma espécie de síndrome” “esperando Godot”, isto é, “a síndrome das longas esperas em vão” (1995, p. 326). Isto pode indicar que cada espécie de trabalho pode ter, associadas, manifestações próprias e específicas de dificuldades e de mecanismos de enfrentamento das mesmas.

Acima de tudo, porém, o trabalho traz possibilidades – pouco exploradas, é verdade – de prazer e de alegria, de realização humana e de vitória, como Marx e Engels destacam, no Manifesto do Partido Comunista: “Os operários triunfam às vezes; mas é um triunfo efêmero. O verdadeiro resultado de suas lutas não é o êxito imediato, mas a união cada vez mais ampla dos trabalhadores” (MARX e ENGELS, s./d., p. 28).

Este texto aponta o trabalho como objeto central, não o dissociando do seu principal ator, o homem. Portanto, seu objetivo é efetuar um breve recorte do imaginário dos professores do Município do Rio de Janeiro, evidenciando algumas das suas representações do próprio trabalho. Hipoteti-

*Doutora em Educação. Professora adjunta da Faculdade de Educação da Uerj.

zamos que as mesmas definiriam uma figura mítica – a do herói – identificada com a profissão docente.

POR QUE UTILIZAR O ESTUDO DO MITO?

A escolha do mito – mais especificamente o mito do herói – como referencial teórico auxiliar para este estudo deveu-se à sua significância, embora não seja unânime o seu reconhecimento.

Merani, por exemplo, refere-se ao mito, sucessivamente, como representando “a impotência do pensamento” e como sendo “não um erro, mas um equívoco” (1978, p. 34). Isto ilustra uma tendência, infelizmente não rara, de associar o mito ao conceito de mitomania, uma tendência patológica à fabulação, em estado consciente. Parece-nos, no entanto, que os significados e funções do mito, para a psique humana, sejam muito mais relevantes.

Para Joseph Campbell, profundo estudioso do assunto, “O material do mito é o material da nossa vida, do nosso corpo, do nosso ambiente; e uma mitologia viva, vital, lida com tudo isso nos termos que se mostram mais adequados à natureza do conhecimento da época” (1993, p. 7). Para ele, a mitologia proporciona ao homem estar em harmonia com o universo, tendo importante função. Em outra obra, classifica a mitologia como “a música da imaginação” (CAMPBELL, 1990, p. 23) e diz que “o mito é uma máscara de Deus” (p. XII). Conceitua os mitos como “metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos poderes que animam nossa vida animam a vida do mundo” (p. 24). Têm, dessa forma, quatro funções: mística, cosmológica, sociológica – ligada à manutenção da ordem social – e pedagógica, ensinando o homem a viver melhor. As questões da harmonia com o universo e da reflexão sobre a própria vida, talvez possam ser facilitadas pelo pensamento mítico.

Um bom exemplo disso é o fascínio dos adolescentes pelos mitos. Os filmes e jogos eletrônicos de temática “science fiction”, muito ao gosto dos jovens, utilizam conteúdos míticos e, com frequência, misturam mitos de variadas épocas históricas. Campbell (1990, p. 26-32) afirma que, do mesmo modo que os adolescentes, toda a sociedade precisa de novos mitos, mas que hoje em dia isso se torna difícil, pelo fato das coisas mudarem rápido demais. Atualmente, a mídia cria uma infinidade de metáforas. Segundo Campbell, elas talvez se tornem mitológicas. Exemplifica com os automóveis, aeronaves, armas e com o próprio computador.

É cabível, portanto, uma posição de valorização do mito, de atribuição de importância ao mesmo, sem recair na crítica devastadora sobre tudo que a racionalidade não explica, como fizeram o racionalismo impiedoso e a Psicologia simplificada, podendo destruir a possibilidade do reconhecimento da existência do imaginário.

Roland Barthes, como Campbell, destaca o fundamento histórico da mitologia. Segundo ele, é a história que transforma o real em discurso, e o mito é um modo de significar, uma mensagem, um sistema de comunicação: “o mito é uma fala” (BARTHES, 1989, p. 131), podendo não ser oral. Essa fala pode ser formada também por escritas e, até, por representações. Quanto a isso, o autor destaca a importância, para a formação e a mudança dos mitos, da fotografia, da publicidade, dos esportes, por exemplo.

Na obra de Gilbert Durand, o mito tem importância central, destacando-se a crítica que ele faz à redução sociológica – hermenêutica redutora, como a Psicanálise – ao situar o mito como um jogo estrutural. Trata-se de um “estreitamento” dos símbolos, e do seu principal conjunto, o mito, a contextos sociais, semânticos ou sintáticos, dependendo do método utilizado. Afirma que os mitos

escapam à contingência linguística: “(...) o mito está do lado oposto de um “engajamento” linguístico como o da poesia, ancorada no próprio material da língua: seu fonetismo, seu léxico, suas aliteração e seus trocadilhos” (DURAND, 1988, p. 51).

Mircea Eliade (1991), em rico estudo sobre o assunto, trata da evolução histórica do conceito e do estudo dos mitos. Constata que, há cerca de meio século, os estudos em questão deixaram o caráter depreciador do século XIX (mito como fábula, ficção, invenção) e passaram a aceitar o mito como história verdadeira e de grande importância.

Fala do mito como atividade criadora e uma “irrupção do sagrado” (op. cit., p. 11). Ele relata um acontecimento ocorrido num tempo primordial, narra o modo como algo começou a “ser” (uma criação). Conclui, dizendo que “os mitos, em suma, recordam continuamente que eventos grandiosos tiveram lugar sobre a Terra, e que esse ‘passado glorioso’ é em parte recuperável” (p. 128).

Colocando o homem no patamar dos deuses e dos heróis, o mito o “eleva” e dignifica. A razão mítica constitui uma tentativa de compreender, de tornar conhecido o que não o era. Ao passar do mágico ao mítico, uma sociedade se reestrutura axiologicamente, e em termos de cosmovisão. Em uma entrevista, perguntado sobre o que é mito, Lévi-Strauss respondeu que ele... “é ao mesmo tempo uma história contada e um esquema lógico que o homem cria para resolver problemas que se apresentam sob planos diferentes, integrando-os numa construção sistemática” (1970, p. 140-141). Junito Brandão, reconhecidamente valorizado como profundo conhecedor da Mitologia Grega, conceitua mito como uma representação coletiva, transmitida geracionalmente. Ele explica a humanidade e o mundo, a complexidade do real: “abre-se como uma janela a todos os ventos; presta-se a todas as interpretações” (1987, p. 36).

Talvez, o grande mito do mundo moderno seja, na realidade, o objeto. Não no sentido psicanalítico, mas aquele fetichizado pela sociedade capitalista moderna. Ele se torna sacralizado, oferece a quem o possui ilusões de glória e poder, concentra e cataliza a libido do homem. Ele introduz o homem num mundo fantasmal e pode tornar-se um vício. Oferece promessas de retorno nirvânico à felicidade imemorial (talvez intra-uterina). É cultural e celebratório, assujeitando à sexualidade (Reich era profético!). Ele estupidifica e esvazia o trabalho do homem, obsessivando a posse como “categoria de felicidade”. Torna o supérfluo essencial, mas é efêmero – produzido para ser rapidamente substituído por outro, mais novo ou da “moda”.

Talvez, a emergência desse “objeto fetichizado” faça com que o homem, embora fascinado pelos mitos, deles descreia “por obrigação”, ou se sinta constrangido em manifestar esse fascínio, em um período de mistura confusa entre pragmatismo e hedonismo, de movimentos de profunda agnosia, mesclados a adesões fanáticas a novas crenças.

A ESCOLHA DO MITO DO HERÓI

Segundo Vernant (1990), na época clássica os heróis formavam uma categoria religiosa bem definida, à parte dos mortos e dos deuses. Diferentemente dos mortos, eles conservavam pós-morte a individualidade e o nome. Ao contrário dos deuses, eles foram homens que viveram e atingiram um “status quase divino” (p. 342). A empresa heróica – atos arriscados e gloriosos – condensa virtudes e perigos da ação humana. Da luta contra os monstros à vitória sobre a morte, os gregos associam o heróico aos “problemas ligados à ação humana e à sua inserção na ordem do mundo” (VERNANT, op. cit., p. 343). São heróis, por exemplo, Perseu, Hércules, Teseu, Jasão, Édipo e Ulis-

ses. A tragédia grega serviria como uma espécie de exorcismo apolíneo (Deus do comedimento e da ética rigorosa) contra o êxtase, o entusiasmo e o embriagamento dionisíacos.

Na obra de Freud, encontra-se um conceito explicitado de herói, como “aquele que se levantou valentemente contra o pai, terminando por vencê-lo” (FREUD, 1981a, p. 3.244). Aplica o mito do herói a Moisés e compara as vicissitudes que aquele atravessa depois do nascimento, à vida do patriarca bíblico. Enuncia o conceito de “grande homem”, dotado de numerosas qualidades humanas. Sem ser um herói, esse homem influencia os outros homens, necessitados de uma autoridade e atraídos pela figura substitutiva do pai. Essa influência é devida à personalidade e às idéias que o “grande homem” defende. Trata-se, portanto, de um conceito pragmático, e não mítico (FREUD, 1981b).

Em “Psicologia das Massas e Análise do Ego” (1981c), Freud afirma que o mito do herói, de natureza psicológica, foi o primeiro existente para o homem. Herói era, então, o único que conseguira matar o pai (que surgia no sonho como o monstro totêmico), substituindo-o no ideal do Ego dos demais.

Conclui Freud, em relação ao mito em questão:

A mentira do mito heróico culmina na divinização do herói. É muito possível que o herói divinizado seja anterior ao Deus-pai e constitua o precursor do retorno do pai primitivo como divindade. As divindades se sucederam na seguinte ordem cronológica: deusa mãe-herói-deus pai (FREUD, 1981c, p. 2.605).

Assim sendo, a saga do herói é a da própria existência do homem, no seu processo de desenvolvimento e amadurecimento psíquico. Para Campbell, o herói, ao dedicar a vida a algo maior, realizando proezas ou façanhas – físicas ou espirituais – nos liberta e conforta:

Além disso, não precisamos correr sozinhos o risco da aventura, pois os heróis de todos os tempos a enfrentaram antes de nós. O labirinto é conhecido em toda a sua extensão. Temos apenas de seguir a trilha do herói, e lá, onde temíamos encontrar algo abominável, encontraremos um Deus. E lá, onde esperávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos. Onde imaginávamos viajar para longe, iremos ter ao centro da nossa própria existência (CAMPBELL, 1990, p. 131).

No seu estudo sobre as estruturas antropológicas do imaginário, Gilbert Durand (1989) estabelece uma bipartição entre dois regimes do simbolismo diurno e noturno. Como um dos arquétipos importantes, isomorfo do sol, está o do grande *herói guerreiro* que se insurge contra as potências noturnas. Trata-se do lutador, erguido contra as trevas e o abismo.

Há cinco aspectos do mito do herói – espécie de história central, característica do drama arquetípico – que deram origem às categorias de análise dos dados obtidos na investigação realizada, e que acreditamos possam enriquecer esta tentativa de “leitura” do trabalho docente.

A primeira constitui-se na superação das agruras iniciais. Embora o herói tenha pais nobres ou divinos, a carga emocional de rejeição e sofrimento marca o início da sua existência. Para superar essas dificuldades, e sobreviver, o herói lança mão do que poderíamos chamar o “legado”, herança de dons provenientes da origem quase divina, e que constitui uma espécie de “vocação heróica”. Nessa sobrevivência inicial são forjadas as “armas heróicas”: saber, ousar, querer e calar (MÜLLER, 1992, p. 34).

Essas são as capacidades anímicas que o herói apresenta desde cedo – fazem parte dos seus dons. O *saber*, segundo Müller, indica a disposição e a curiosidade para a aprendizagem; a *ousadia* aponta para o risco cauteloso de buscar o desconhecido e enfrentar os perigos; *querer* expressa a

paciência, a firmeza e a obstinação para realizar os objetivos; *calar* corresponde à disciplina emocional – o auto-controle – e à autonomia.

O segundo aspecto é o perigo do irmão gêmeo – o duplo, presente na odisséia do herói sob duas formas: pode ser realmente um irmão gêmeo ou um inimigo equivalente em força e armas. Este representa o lado escuro, o arquétipo sombrio, o oposto da bondade heróica.

O irmão-sombra pode ser, no entanto, uma parte do próprio caráter do herói. Esse “lado negro” da personalidade contém a cólera, a violência, a inveja, a teimosia, a perversidade, os traços negativos de caráter que procuramos manter dominados. Mesmo não reconhecido, o outro-sombra permanece. Ele é, ao mesmo tempo, legado da origem humana do herói, aproximando-o dos mortais, e uma lembrança constante da finitude (o herói não é imortal) e da necessidade de purificação e crescimento interior.

O terceiro conteúdo mostra que o herói, protagonista por excelência das aventuras e da história de vida de outras pessoas, passa por intensos processos de risco e sofrimento, por *provações – tendência para o sacrifício*. Não se trata mais dos riscos iniciais que acompanharam o nascimento e o início da existência, mas das provas heróicas (façanhas que o herói escolheu ou para as quais foi designado pelas forças superiores).

A quarta categoria mítica mostra que a vida do herói é marcada pelo chamado para partir em viagem. Esta é circular, caracterizada pelo retorno ao ponto de partida: o *périplo heróico – viagem solar e lunar*. Na realização dos atos mágicos que compõem a sua vida, o herói realiza um trajeto cíclico, de retorno ao ponto de partida. Trata-se de um *uróboro*. Esse termo antigo, emprestado da Alquimia, significa “o comedor de cauda” e representa o eterno recomeço, fora do tempo cronológico ou consciente.

O último aspecto aponta *o ritual da sagração – nomeação e futuro glorioso*. A viagem uróbica, por ser cíclica, é comumente comparada ao périplo solar no decorrer de um dia. Para muitos, no entanto, é a viagem lunar do herói, o mergulho na noite e no desconhecido, que constitui uma transformação mais profunda. Esse homem transformado não é deus, nem eterno, nem mortal. É sim, libertado para a vida plena, criativa, e para a própria sexualidade. Esse herói transformado não precisa manifestar perpetuamente o seu heroísmo, pois foi glorificado.

Segundo Kothe: “Os vários tipos de herói e o papel que lhes cabe em diferentes momentos históricos são um modo de responder ao desafio colocado pela contradição de forças sociais: a nível de produção, circulação e consumo de obras” (1987, p. 89).

A SAGA DO HERÓI DOCENTE – ENTRE O ÉPICO E O TRÁGICO

Mas, no final das contas, que representações o professor faz em relação ao próprio trabalho? Será que elas são mesmo mitificadas na figura do “herói”? Talvez um herói sublime, talvez o herói “abrasileirado”, perplexo diante dos atuais desafios, bem diferentes dos de antigamente.

E quantos heróis mais? O mitológico, dotado de poderes infinitos; o “carnavalizado”, que zomba das próprias fraquezas; o místico, que se imola pelos motivos nobres; o “delirante”, que luta pelas causas fictícias e ataca os inimigos – moinhos, para libertar a mulher amada; o herói dos “vídeo-games”, que luta para ganhar “vidas”, para perdê-las logo depois em confrontos com os inimigos; o herói representante do povo brasileiro, que luta para “ganhar a vida”, também no confronto com inimigos fortes demais, dos quais muitas vezes sequer tem consciência.

Segundo uma das professoras entrevistadas durante a pesquisa:

– O professor é aquele, né? (...) Quer salvar o mundo, fazer o aluno aprender, proteger as famílias. À noite, quando ele vai dormir, coitado, pensa que no dia seguinte começa tudo de novo. É outro dia, outra batalha, mais um “leão” pra matar. O cara tem que ser um herói mesmo!

Para investigar a questão citada, entrevistamos cento e vinte professores, aleatoriamente selecionados. O tipo de entrevista escolhido foi a “semi-estruturada” ou “em profundidade”. Nesta são utilizados estímulos bastante abertos e a preocupação fundamental voltou-se para o aprofundamento das informações e dos pontos destacados pelo entrevistado.

O roteiro da entrevista incluía questões como: o surgimento da idéia de ser professor; a caracterização do bom professor; as dificuldades no trabalho do professor; a expectativa quanto ao futuro; e como seria a realização destas, se o entrevistado ganhasse um vultoso prêmio na loteria.

A etapa de análise dos dados começou com a “leitura flutuante” – desprovida de qualquer preocupação com registro escrito ou com categorização – e a análise “não sistematizada” do texto: listagem livre de todos os significados associados ao objeto de estudo, sem a preocupação de categorizá-los ainda, ou de relacioná-los entre si.

Obtivemos uma ampla lista de significações, todas relacionadas à temática central: trabalho docente. Pudemos observar, assim, que vários significados se repetiam sistematicamente, de forma significativa, durante as entrevistas realizadas. Isto nos permitiu construir cinco quadros categoriais correspondentes às características do mito do herói, descritas anteriormente.

Categorias do mito do herói	Categorias de análise do discurso
A superação das agruras iniciais do nascimento – a vocação heróica	A idéia de ser professor
O perigoso irmão gêmeo – o duplo	Bons e maus professores
As provações – tendência para o sacrifício	Dificuldades do trabalho docente
O périplo heróico – viagem solar e lunar	O futuro: nível de realização
O ritual de sagração – nomeação e futuro glorioso	O futuro: nível de espectração

I – CATEGORIAS UTILIZADAS NA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Optamos pela primeira categoria – que diz respeito à vocação – para ilustrar este artigo. De forma esquemática, as respostas distribuíram-se em subcategorias:



II – SUBCATEGORIAS DA PRIMEIRA CATEGORIA UTILIZADA

Observemos um pouco algumas das subcategorias componentes do quadro representacional obtido, ilustrando-as com as “falas” dos entrevistados.

a) Vocação inata

As respostas mais frequentes caracterizaram a escolha do magistério como algo quase que sobrenatural, que acompanha o homem desde o nascimento, e se expressa já na infância, simbolicamente, nos jogos e brincadeiras.

– Eu acho que é vocação mesmo, missão de sacrifício (tá?), me despertou essa vontade de dar aula, sempre quis, sempre gostei. Aí decidi (né?) por essa profissão e eu amo o que faço (...).

Evidencia-se, desta forma, a representação da “missão”, do indivíduo que, entre os demais, ouviu o “chamado” para uma tarefa que redime e glorifica.

Os nossos entrevistados referiam-se à vocação como algo inerente à docência e necessário para que o professor suportasse as dificuldades encontradas – sempre enfatizadas. Seria uma vocação aliada à “tendência para o sacrifício”.

b) Algo que vem de família

Muitos professores contaram histórias de “linhagens familiares” voltadas para o magistério, e o fizeram com muito orgulho. É como se isso “passasse” hereditariamente, de geração para geração.

– (...) minha família toda tem uma formação no magistério. Minhas tias, quer dizer, eu sempre tive muito contato. Isso vai passando de geração em geração.

Representavam a docência como uma espécie de “linhagem” ou marca, com a qual uma família é agraciada, e que distingue os seus membros dos demais. Alguns falavam que “há famílias de médicos, de advogados, de professores...”.

c) Dom divino

Muitas vezes surgiu a referência a Deus, como doador da vocação, num processo quase milagroso. Subjacente, no entanto, está a representação, já referida, da “missão”, algo de que não se pode fugir, algo que não se pode negar.

Alguns professores chegaram a comparar esse “dom para ensinar” à arte – “alguns sabem fazer, depende muito mais de um jeito especial, que está na pessoa, do que de técnicas, sabe?”

– (...) O magistério requer uma grande doação (né?) é assim como uma missão divina, da qual você não pode fugir (...). Você já imaginou como seria o mundo sem os professores?

d) Escolha realizada por amor ao próximo

Em certos discursos, o magistério foi indicado como uma forma de “redenção” do próximo. Nesses casos, é como se o professor escolhesse a profissão por muito amor aos que precisam romper as barreiras da ignorância.

– (...) As crianças chegam e não sabem nem, nem pegar no lápis direito, não sabem nada, e saem sabendo ler, escrever. (...) Isso é supergratificante, justifica a escolha do magistério, é uma missão assim... quase heróica.

A religiosidade surgiu fortemente nesta subcategoria, como se fizesse parte da virtude da caridade este ato de “levar as luzes aos que se encontram nas trevas, às vezes não sabem sequer assinar o próprio nome.”

e) Gosto por crianças

Nessa subcategoria agrupamos as respostas, bastante freqüentes, que enfatizaram o afeto por crianças, o prazer no contato com elas. Para estes entrevistados, é como se o trabalho do professor da Educação Infantil ou dos anos iniciais do Ensino Fundamental, fosse superior ao dos demais níveis da docência.

– (...) essa história surgiu através das crianças (né?), pelo gosto, tanto é que eu vou fazer Educação Infantil. Quero continuar dando aula pra crianças, só pra crianças (...) É o trabalho mais importante na escola.

f) Admiração por outros professores

Em algumas situações, os entrevistados manifestaram a sua admiração por outros professores, tidos como modelos.

– Eu odiava História, achava tudo uma grande decoreba. Aí eu tive uma professora no 2^o Grau que mexeu com a minha cabeça. (...) Ela contava a História, fazia ficar interessante. (...) Eu percebi que havia uma História oficial e outra, que ficava meio escondida.

Os entrevistados buscavam, entre as suas reminiscências, um “herói”, o grande professor que tiveram, o melhor, o inigualável.

g) Influência de outra pessoa

Alguns entrevistados relataram outras influências, que não de professores que admiravam. Alguns deixaram entrever quase que uma “imposição” da carreira, principalmente por parte da família, preocupada em que encontrassem uma “profissão em que, mesmo ganhando pouco e não sendo reconhecido, eu tivesse uma certa estabilidade...”.

Ou, como disse outra professora:

– Ah, foi idéia de uma tia minha, porque emprego tá, tá meio difícil (né?). Quer dizer, você já tendo uma profissão. O Normal não deixa de ser um curso técnico (né?). Aí ela me deu essa idéia: Por que você não faz?

h) Falta de outra perspectiva

Alguns entrevistados apresentaram o magistério como uma espécie de “última perspectiva”, em um contexto que oferecia muito poucas possibilidades.

– Surgiu um pouco por acaso, porque não existiam muitas escolas disponíveis para mim, onde eu morava (tá?). Minhas irmãs já haviam feito o Normal e minha mãe gostava (...). Ia ter um diploma, se eu fizesse o 2^o Grau comum não ia ter diploma nenhum (...). Então fazendo o Normal eu ia ter um diploma e ia poder ter logo um emprego.

i) Desejo de conhecer as pessoas

Essa categoria inclui as respostas que esvaziam de certa forma a tarefa de educar, valorizando o contato afetivo e pessoal entre professor e aluno. Em muitos casos encontramos a conhecida visão *psicologizante* da Educação, historicamente estabelecido nas profissões a ela vinculadas.

– Eu sempre peguei alunos difíceis com problemas mentais, psicológicos, sociais. Eu percebo que só o contato, só dar carinho e escutá-los, ajuda a resolver essas coisas, e ainda aumenta o meu conhecimento e experiência com as pessoas.

j) Superação de uma dificuldade

São respostas em que a escolha do magistério surge como uma ajuda na superação de dificuldades do entrevistado. Elas podem ser de ordem cognitiva, ou mesmo de caráter emocional.

– (...) A minha dificuldade era com a Física... ô matéria indigesta! Aí eu decidi... eu vou ter que ser professor, dar aula de Física mesmo, pra provar que eu sou capaz (né?).

l) Desejo de deixar “marcas” na História

Alguns professores referiam-se à escolha profissional como uma maneira de “eternizar-se”. Trata-se da influência sobre os outros, de ser o professor “inesquecível”, eternizar-se, correspondendo ao “professor modelo”, referido na subcategoria f (Admiração por outros professores).

– (...) Eu tenho certeza que os meus alunos nunca vão deixar de se lembrar de mim. De que modo? Sei lá, como uma espécie de herói, aquele que sabe muito. Você nunca pode agradar a todo mundo mas pode marcar a vida das pessoas (...). Professor tem influência.

Parece-nos que estes resultados, embora incompletos, deixam claros alguns aspectos, que passamos a comentar.

O professor apresenta, como uma boa parte dos trabalhadores do nosso país, uma boa dose de sofrimento “no trabalho”. O sistema capitalista de produção torna quase abismal a separação entre trabalho e gozo, enrijecendo a segmentação entre os patamares da divisão social do primeiro. Não me parece que a “nova ordem mundial” venha contribuindo efetivamente para alicerçar a produção de condições mais plenas de cidadania, a partir do exercício do trabalho.

No caso específico do professor, condições adicionais, simbólicas, revestem esse processo. Talvez, pelos primórdios da educação religiosa, o professor sacerdotizou e sacralizou o seu trabalho, revestindo-o de uma aura missionária e salvadora. Acreditamos que muitos educadores ainda resistem a se considerarem trabalhadores. De certo modo, temem o desvelamento da proletarização real que a categoria profissional sofreu. Temem, talvez, a proximidade com as outras categorias de trabalhadores, a quem “transmitem o saber” e “salvam das trevas da ignorância”.

Isso significa mais precisamente que, à medida que a categoria profissional dos docentes se aviltava em termos de salário e encontrava cada vez maiores dificuldades organizativas, um processo de representação social de heroicização encobria à consciência o que acontecia na realidade.

A implicação mais direta disso seria a construção de uma rede representacional, inconscientemente compartilhada pelos membros desse grupo, determinante de atitudes como considerar a escolha do magistério como um dom, ou uma missão, ou ainda envolver com uma tonalidade “gloriosa” as tarefas cotidianas, por exemplo. O herói foi anunciado pela voz dos professores, expres-

sando uma representação mais ampla, que transcende a categoria profissional e pode estar presente em outros setores da população.

Outra categoria fortemente enfatizada nas entrevistas foi a da tendência ao sacrifício. São provações, ritos iniciáticos e posteriormente desafios, enfrentamento de perigos. Tudo para comprovar a condição heróica e poder ter acesso à sagração, à nomeação posterior à morte gloriosa. Poderia ser o nosso professor, então, um desses heróis gloriosos e sacrificiais, encontrados na Mitologia Grega?

Alguns discursos assim o apresentavam, como um *herói épico*:

– É um super... super-homem. Salário pequeno, dificuldades para enfrentar, desafios até para continuar vivo. Mas o professor “sacode a poeira e dá a volta por cima” isso é que eu acho bonito na profissão.

Havia, porém, outra referência, recorrente nos discursos: a temática da repetição, da rotina, do cansaço, da interminabilidade do trabalho docente:

– Educação é isso (né?), trabalho que nunca termina. Sabe a teia de Penélope? Só que não é o professor que desmancha, são outros fatores.

– (...) às vezes bate um cansaço. Aquela, aquela rotina de sempre, chamada, noção nova, trabalhinhos, dever de casa...

Surge a representação do sofrimento, do esvaziamento de prazer, da falta de perspectiva no trabalho. A mesma síndrome “esperando Godot”, referida no início deste texto, a diminuição pulsional, levando à necessidade de satisfações substitutivas.

Esse sofrimento laboral permitiu o delineamento de um novo perfil, dessa vez do *herói trágico*, através de uma figura heróica punida pela repetição, mas sem a mutilação e a dor de Prometeu, por exemplo. Um herói que recomeça a cada dia, a cada ano ou semestre letivo, desafios que já são previsíveis, lutas que já foram encetadas “na véspera”.

É o perfil do Sísifo mitológico, que recebeu de Zeus um castigo draconiano: é condenado a, no Hades, rolar eternamente uma pedra montanha acima. Ao chegar perto do cume, no entanto, a pedra caía e Sísifo era obrigado a recomeçar. Sísifo, junto com Tântalo e Prometeu, constitui um dos “penitentes do Hades”. Lembra-nos também, em nível existencial, que a vida humana, pela sua própria finitude cronológica nos impede de levar algo até o fim, de terminá-lo.

Por esse ângulo, talvez o maior castigo de Sísifo seja exatamente não ter o direito de desistir, de deixar a pedra rolar definitivamente no abismo. Pode-se perceber, neste mito, o aspecto penoso e pesado, inerente ao trabalho infundável, e o aspecto benéfico da repetição, que expressa a ordem, a confiabilidade, a previsibilidade.

Para Albert Camus em “O mito de Sísifo” (1942), trata-se de um herói “trágico e absurdo”. Embora desesperançado e sem futuro, ele toma o destino nas mãos e vive o presente representado pelo dia vivido. Dessa forma, o próprio destino está sob o seu poder. Ele resolve e realiza, a cada dia, o que há para fazer, porque “A pedra dele é o seu problema” (p. 100).

É esse o herói com o qual o professor, inconscientemente, se identifica. Embora dono do saber, da argúcia, da inteligência, tem um “duplo” perverso que o arrasta para o erro. Em função disso, cai nas garras da “moira” (o destino cego), sendo punido pelos deuses com um castigo terrível, o “trabalho de Sísifo”, segundo Kast: “Um trabalho que sempre se repete de maneira uniforme e regular, com um fim momentâneo, um trabalho que sempre se repetirá...” (1997, p. 7).

Isso pode ser tomado como analógico ao destino dos alunos que o professor tem sob a sua orientação, as suas “pedras a levar para o alto da montanha”. Não é de espantar, portanto, que na trama de significações imaginárias do trabalho docente, tenham irrompido termos como sacrificado, desmotivado, deficiente, monótono, reproduzidor ou pobre, por exemplo.

Segundo Alexander et al. (1981, p. 467):

Tais fronteiras (as da Educação) transformam o professor num Sísifo, que nelas vê limitações, como correntes que o amarram e lhe impõem tarefas impossíveis. Mas, se tais fronteiras são consideradas legítimas, elas podem levar a conhecimentos que permitam a formulação da teoria educacional, baseada não no “idealismo narcisista, mas na ciência.

Desfilaram ainda, nos discursos dos professores, o herói cristão, com uma missão divina a cumprir; o herói delirante, Dom Quixote dos moinhos ilusórios da Educação; o herói mitológico, em processo redentor de imolação; até mesmo um herói cujo poder é referendado pelo saber, pela especialização técnica...

De acordo com esse raciocínio talvez nós, educadores, embora a profissão seja bastante antiga, estejamos ainda vivendo uma transição, que poderá desaguar na maturidade plena de uma categoria profissional amadurecida politicamente e preparada para as verdadeiras lutas, nada heróicas, na realidade e do cotidiano.

Outras armas, outros tempos, outros heróis...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, Franz et al. *A História da Psicanálise através dos seus pioneiros*. Rio de Janeiro: Imago, 1981. 2 v.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- BRANDÃO, Junito S. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1987. 1 v.
- CAMPBELL, Joseph. *As transformações do mito através do tempo*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CAMUS, Albert. *Le mythe des Sisyphe*. Paris: Librairie Gallimard, 1942.
- CODO, Wanderley et al. A síndrome do trabalho vazio em Bancários. In: CODO, Wanderley; SAMPAIO, José J. C. (org.) *Sofrimento psíquico nas organizações: saúde mental e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1988.
- _____. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FREUD, Sigmund. La Interpretacion de los Sueños. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981a. I t.
- _____. Moises y la Religion Monoteista. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981b. II t.
- _____. Psicología de las masas y análisis del Yo. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981c. III t.
- KAST, Verena. *Sísifo: a mesma pedra – um novo caminho*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- KOTHE, Flávio R. *O herói*. São Paulo: Ática, 1987.
- LÉVI-STRAUSS, Claude et al. *Mito e linguagem social*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, s./d. 1 v.
- MENEGAZZO, Carlos M. *Magia, mito e psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1994.
- MERANI, Alberto. *Psicologia e alienação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- MÜLLER, Lutz. *O herói: todos nascemos para ser heróis*. São Paulo: Cultrix, 1992.

SILVA, Edith Seligamann. Crise econômica, trabalho e saúde mental. In: SILVA, Edith S. et al. *Crise, trabalho e saúde mental no Brasil*. São Paulo: Traço, 1986.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

RESUMEN

El artículo piensa presentar un "mapa" de las representaciones sociales que los maestros, con respecto al propio trabajo. Nosotros aplicamos el análisis del discurso a las entrevistas logradas con el ciento y veinte maestros del municipio de Rio de Janeiro, el aleatoriamente seleccionados. Las tales representaciones, inconscientemente compartidas por los entrevistados, ellos apuntaron al maestro como "el héroe", enfrentando las "batallas" y desafíos de la educación. Una incursión para la mitología griega permitió el descubrimiento de los referimos hérod – ningún épico, pero trágico: el Sísifo. Metafóricamente, es que la solemnidad-percepción del maestro como trabajador: apretado por la cantidad y para la rutina de un trabajo interminable, en el logro de una misión divina, sacerdotal, pero interminable.

Palabras-clave: educación, trabajo educativo, representaciones sociales.

ABSTRACT

The article intends to present a "map" of the social representations that the teachers, regarding their own work. We applied the analysis of the speech to the interviews accomplished with hundred and twenty teachers of the municipal district of Rio de Janeiro. Such representations, unconsciously shared by the interviewees, pointed the teacher as a "hero", facing the "battles" and "challenges" of Education. An incursion for the Greek Mythology allowed the discovery of the referred hero – no epic, but tragic: called Sísifo. That is the teacher's perception as their own work: squeezed by the amount and for the routine of an endless work, in the accomplishment of a divine mission, priestly, however endless.

Keywords: education, educational work, social representations.